



Atentados a bancas de jornal

Durante o processo de abertura política do Brasil, foi registrada uma série de atentados que pretendia frear a passagem do regime militar para a democracia, como, por exemplo, os atentados à sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Nesse contexto, buscava-se, ainda, evitar que se propagassem ideais contrários à permanência do regime e a favor da transição política, que se almejava lenta e gradual.

Diante disso, os atentados foram intensificados, sendo apontados três ataques a bancas de jornal na cidade do Rio de Janeiro e um em Niterói. No dia 27 de julho de 1980, uma banca de jornal na Rua Dagmar Fonseca, em Madureira, foi incendiada. Na madrugada do dia 03 de agosto de 1980, duas outras bancas, uma no Centro da Cidade e outra em Laranjeiras, sofreram com a violência.

Os atentados foram contra a venda de publicações da imprensa alternativa. As autoridades negligenciaram o ocorrido e levaram horas para chegar às bancas atacadas. Na Avenida Graça Aranha, Centro da cidade, e na Rua Gago Coutinho, em Laranjeiras, as bancas foram incendiadas com gasolina. A perícia, no entanto, não fez uma busca minuciosa para verificar o material utilizado no atentado.

Ainda na tarde do dia 03 de agosto de 1980, outra banca de jornal sofreu atentado. Na esquina das ruas Visconde de Morais e Tiradentes, no bairro de Ingá, em Niterói, a iniciativa de motoristas impediu que a banca fosse destruída. Utilizando os extintores de incêndio de seus carros, eles evitaram que o fogo da lata de combustível lançada contra a banca se propagasse. Nesse caso, os policiais, que foram avisados pela imprensa, não foram até o local, pois alegaram não ter recebido uma denúncia oficial.

O presidente do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornal e Revistas do Rio, Elias da Jora, acreditava que a situação proporcionada pelos atentados a bancas de jornal na cidade do Rio de Janeiro ainda poderia ser contornada. Ele pretendia realizar uma reunião com mais de 2.600 associados para negociar uma indenização pelos prejuízos sofridos por cada banca atacada. Segundo Jora, tudo o que poderia ser feito pelos jornalheiros já estava em andamento, era preciso, então, confiar nas autoridades.

Os atentados a banca de jornal foram, portanto, tentativas de evitar que a imprensa alternativa ganhasse espaço entre os leitores. Para isso, era preciso que a pressão sobre os jornalheiros que ofereciam essas publicações fosse eficiente. Alguns donos de bancas de jornal se recusaram a cessar a venda de periódicos considerados críticos ao governo, outros, no entanto, sentiam-se mais seguros ao parar com a distribuição.



Banca incendiada na Rua Dagmar Fonseca, em Madureira. Sem fonte.

Depoimentos

Elias da Jora¹

“Não há nenhuma condição de fazermos greve de protesto, deixando de vender todos os jornais durante alguns dias. A lei nos obriga a vender publicações diariamente.”

Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe²

“O tom da linguagem de direita é aquele blá-blá-blá que a gente já conhece. Muitos setores de direita acham que o Figueiredo é de esquerda porque está promovendo uma abertura, e querem fechar o processo.”

Luís Alberto Bittencourt³

“Não sabemos quem faz, mas sabemos a quem interessa: aqueles que se sentem ameaçados pela liberdade de informação e imprensa, que não se conformam com o sopro de democracia que estamos vivendo”

José Augusto Camargo⁴

“O objetivo era calar a imprensa. As operações de atentados às bancas de jornal foram uma continuidade desse processo que começou com intimidações nas sedes de jornais. Resolveram atacar em outra frente e impedir a distribuição. Havia a intimidação contra o jornalista que produzia essa informação e, na outra ponta, contra quem a distribuía.”

Iconografia

¹Elias da Jora, presidente do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornal e Revistas do Rio de Janeiro no ano de 1980. Publicado em *Jornal do Brasil*, 03/08/1980.

²Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe (1932 -) iniciou sua carreira de cartunista aos 20 anos de idade, em 1952, na revista *Manchete*, onde passou a assinar somente Jaguar. Quando a ditadura se instalou no Brasil na década de 60, Jaguar fundou com outros amigos, como Tarso de Castro e Sérgio Cabral, o jornal *O Pasquim* em 1969, onde lançou o personagem de um ratinho chamado Sigmund ou Sig que acompanhou todos os exemplares de todas as edições de “O Pasquim” como um mestre de cerimônias, geralmente aparecendo na capa ou na abertura das matérias. Publicado em *Jornal do Brasil*, 27/08/1980.

³Luís Alberto Bittencourt, diretor chefe do jornal *O Repórter* em 1980. Publicado em *Jornal do Brasil*, 27/08/1980.

⁴José Augusto Camargo, atual presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Publicado em *Carta Capital*, 22/04/2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/apos-ameacar-jornalistas-ditadura-usou-bombas-para-intimidar-jornaleiros-9699.html>



Bibliografia

Hemeroteca Digital:

<http://hemerotecadigital.bn.br/>